

O limiar entre verdade e ficção

Uma leitura do livro *Iconografia Paulistana*, de Gustavo Piqueira

GRUPO PROSA DE FICÇÃO

Daniel Funes

Fernanda Duvanel

Marcelo Abreu

Maria Victória Seixas

Milena Maia

Paulo Henrique Rinaldi

Priscila Simeão

Renan Locatelli

Gustavo Piqueira



Gustavo Piqueira tem 50 anos, vive e trabalha em São Paulo.

Artista gráfico, designer, ilustrador, pesquisador e escritor, sua produção se desenvolve ao redor das intersecções entre linguagens e categorias. Às vezes estabelecendo novas articulações, às vezes borrando limites já estabelecidos.

Fonte: Trapézio Galeria

Iconografia Paulistana

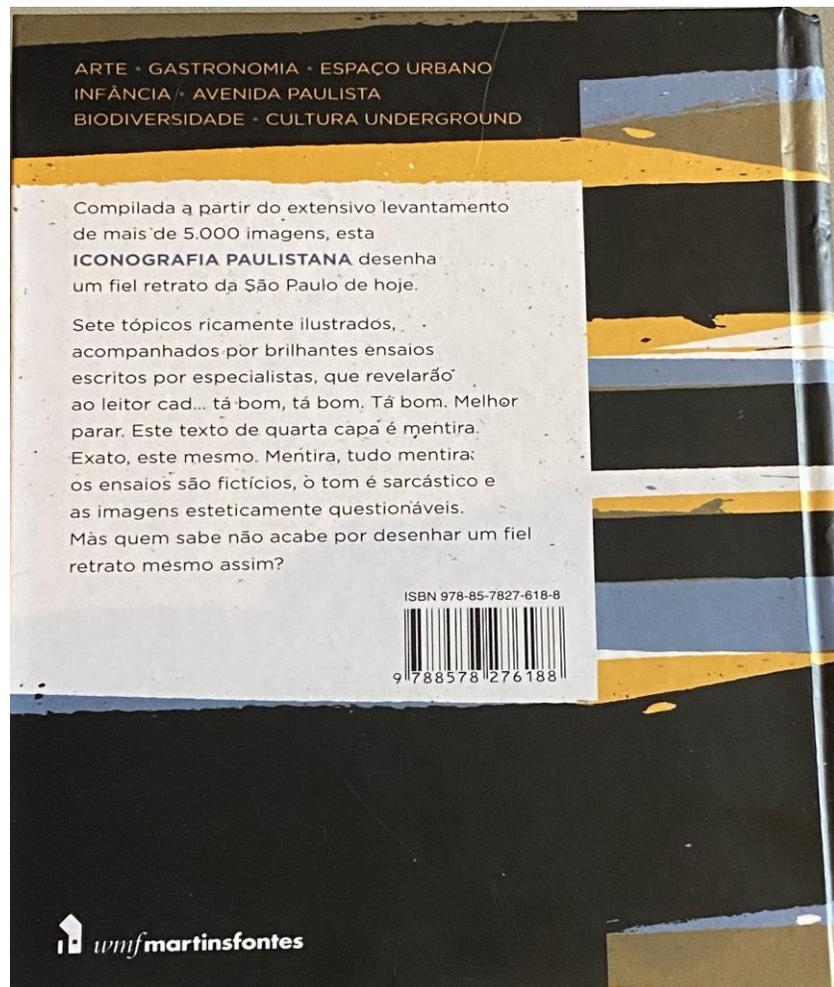


“Eu comecei a ver que, em geral, quando se falava de São Paulo, ou pegavam um lado muito cosmopolita ou, por outro lado, a cidade da miséria total... Então, eu quis fazer um livro em que mostrasse essa cidade. A proposta era: qual a cara da cidade de São Paulo em termos de espaço urbano? A gente optou em se olhar para a cidade de um jeito menos fictício, mais real”.

Gustavo Piqueira

Fonte: <https://youtu.be/1rIAW4NXMNs>

Quarta capa



“Compilada a partir do extensivo levantamento de mais de 5.000 imagens, esta **ICONOGRAFIA PAULISTANA** desenha um retrato fiel da São Paulo de hoje.

Sete tópicos ricamente ilustrados, acompanhados por brilhantes ensaios escritos por especialistas, que revelarão ao leitor cad... tá bom, tá bom. Tá bom. Melhor parar. Este texto de quarta capa é mentira. Exato, este mesmo. Mentira, tudo mentira: os ensaios são fictícios, o tom é sarcástico e as imagens esteticamente questionáveis. Mas quem sabe não acabe por desenhar um fiel retrato mesmo assim?”

Texto da quarta capa de
Iconografia Paulistana

Verdade (ou realidade) X Ficção

Ao afirmar que o livro olha “para a cidade de um jeito menos fictício, mais real”, Piqueira traz à tona uma questão muito relevante à literatura contemporânea: o limiar entre os opostos não excludentes – a realidade e a ficção.

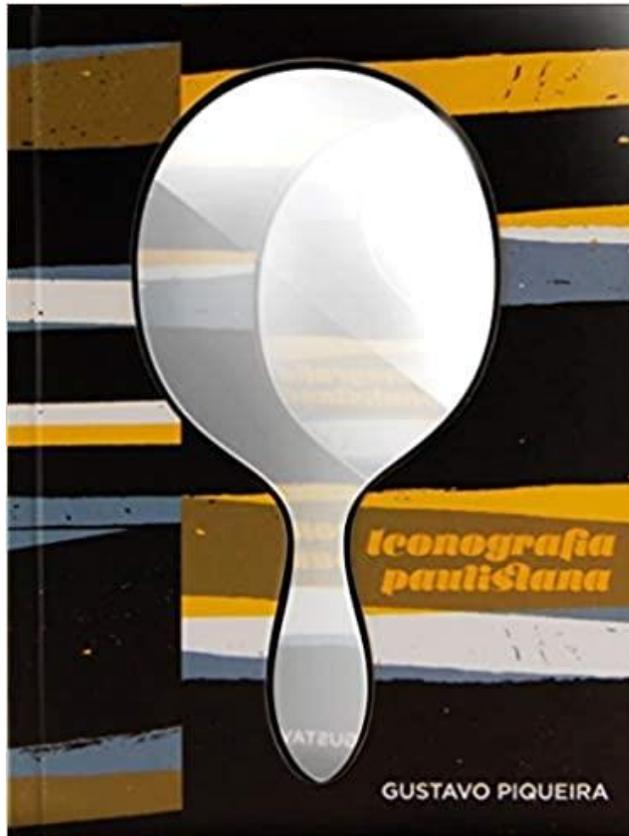
“A ficção pertence à ampla categoria da literatura que contém elementos empíricos e imaginários. Algumas obras de ficção combinam dados históricos com dados imaginários. Numa história de ficção, encontramos personagens reais (históricos) ou inventados (imaginativos). Há inúmeras possibilidades de criação na narrativa ficcional. Os autores de ficção incorporam em suas histórias dados imaginários e fontes falsas de modo que assinale esse caráter duplo da ficção. Tudo pode ser possível dentro da ficção, pois, separar verdade e falso é limitar o artista e empobrecer a obra”.

Verdade (ou realidade) X Ficção

“A ficção não é, portanto, uma reivindicação do falso. Mesmo aquelas ficções que incorporam o falso de um modo deliberado – fontes falsas, atribuições falsas, confusão de dados históricos com dados imaginários etc. –, o fazem não para confundir o leitor, mas para assinalar o caráter duplo da ficção que mistura, de uma forma inevitável, o empírico e o imaginário. (...)

No entanto, a ficção não pede para ser crível enquanto verdade, e sim enquanto ficção. Esse desejo não é um capricho de artista, mas a condição primeira de sua existência, porque somente sendo aceita como tal é que se compreenderá que a ficção não é a exposição romanceada de tal ou qual ideologia, e sim um tratamento específico do mundo, inseparável da matéria de que trata. Este é o ponto essencial de todo o problema e há que tê-lo sempre presente caso se queira evitar a confusão de gêneros. A ficção se mantém à distância tanto dos profetas do verdadeiro quanto dos eufóricos do falso.”

Título



- Título: Iconografia Paulistana
- Iconografia: “Estudo descritivo da representação visual de símbolos e imagens tal como se apresentam nos quadros, gravuras, estampas, medalhas, efígies, retratos, estátuas e monumentos de qualquer espécie sem levar em conta o valor estético que possam ter.” (HOUAISS, 2000)

Afinal, trata-se de um livro de fotografias ou de um romance? Ou nenhum dos dois? Talvez, os dois. E mais.

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Iconografia paulistana / [organizada por Gustavo Piqueira]. -- São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Vários autores.
ISBN 978-85-7827-618-8

1. Fotografias - São Paulo (Cidade)
2. Iconografia 3. São Paulo (Cidade) - Descrição
I. Piqueira, Gustavo.

12-09339

CDD-779.9981611

Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Cidade : Fotografias
779.9981611
2. São Paulo : Cidade : Iconografia
779.9981611

- Ficha catalográfica é um documento que ajuda a identificar, catalogar e localizar um livro dentro de um acervo.

A contemporaneidade em *Iconografia Paulistana*

Afinal, trata-se de uma iconografia ou de um romance? Trata-se de verdade ou de ficção?

Na sua contemporaneidade, a obra de Piqueira apresenta-se de uma forma inovadora, não carregando rótulos definidos seja no que se refere ao seu gênero, ou à sua forma. O título nos remete a um livro de fotografias da cidade de São Paulo e, em sua ficha catalográfica, assim fica definido. Mas, ao inserir uma série de ensaios fictícios a respeito de fotos reais da cidade, Piqueira dá novos contornos à sua iconografia.

Ao lançar seu olhar irônico e debochado sobre a cidade, Piqueira constrói uma obra em que realidade e ficção se entrecruzam, desenhando um retrato fiel da cidade.

Vale ressaltar que o livro é assinado por Gustavo Piqueira, porém consta, na ficha catalográfica, que Piqueira é o organizador de uma obra de vários autores.

Os autores da ficção

organizada por

Gustavo Piqueira

com ensaios de

Avant Brand

Betoven S. Araújo

Fefferson de Souza

Flavio Gagliardi Neto

Joana Bosgouet

Má Ferrari

Tânia Maria Thiemy

Moradias paulistanas

POR **Flavio Gagliardi Neto***

** Arquiteto e urbanista. Doutor pela FAU-USP, instituição onde atualmente ministra disciplinas relacionadas à história das cidades e ao planejamento urbano.*

Cada capítulo da obra é assinado por um autor diferente e consta uma pequena biografia de cada um.

Os autores da ficção

O conteúdo explosivo da arte urbana paulistana

POR **Avant Brand***

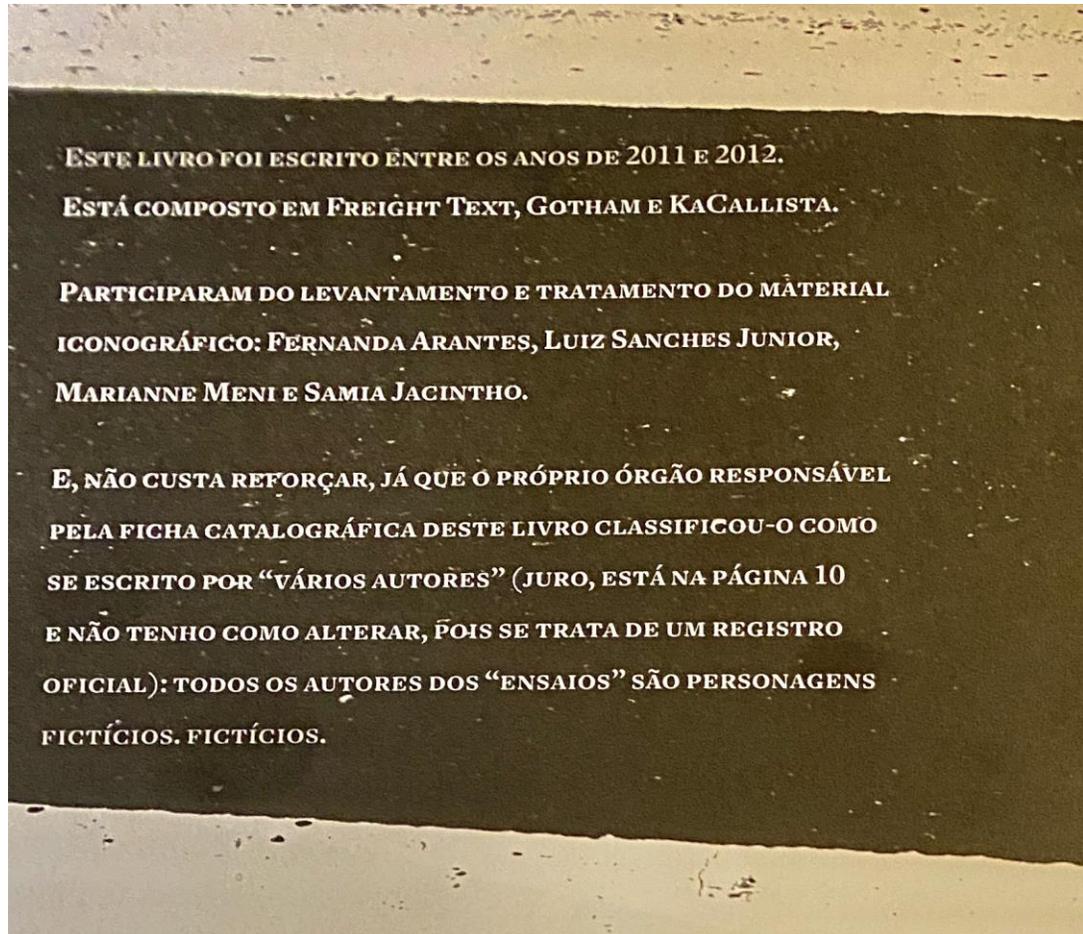
** Avant Brand é uma consultoria de branding com expertise na criação de marcas de sucesso e no reposicionamento de marcas já existentes, focada em resultados mensuráveis: awareness para as marcas, lucro para seus stakeholders.*

Avenida Paulista, o cartão-postal da cidade

POR **Fefferson de Souza***

** Estudante do quinto ano do Ensino Fundamental.*

Os autores das fotografias



Além dos autores/ personagens fictícios mencionados na Introdução, que assinam os capítulos do livro, são apresentados como autores dos registros iconográficos quatro autores: Fernanda Arantes, Luiz Sanches Júnior, Marianne Meni e Samia Jacintho.

Mais uma vez, o autor “brinca” com este limiar entre verdade e ficção, colocando autores ficcionais e reais numa mesma categoria. E, por que não seria assim?

A obra, ao apresentar textos ficcionais assinados por personagens que residem em São Paulo e retratam o dia-a-dia de pessoas comuns da cidade, associando-os a imagens reais da cidade, acaba por ilustrar uma realista e autêntica São Paulo.

Introdução

(por Gustavo Piqueira)

“São Paulo tinha grana, e só. Não passava de um industrial novo rico, meio jeca e grosseirão. Hoje, cento e cinquenta anos depois, soam as buzinas. O velho finalmente está morto e a vocação cosmopolita de São Paulo irrompe livre, incontável. Temos não sei quantos mil restaurantes, não sei quantos mil exposições, não sei quantos mil shows, não sei quantos mil grifes internacionais, não sei quantos mil qualquer outra coisa. Somos a capital da gastronomia. A capital da cultura. A capital da vida noturna. A capital da economia criativa. A capital.

(...)

É, aviso importante, qualquer adjetivo que queira adicionar às páginas seguintes deve ser debitado integralmente da sua conta. Só não se engane: ***esta não é uma São Paulo exótica. É, numa frase repetida, apenas a São Paulo que se vê, diariamente.***”

(*Iconografia Paulistana*, p.16-17. grifos nossos)

1. Espaço urbano: Moradias paulistanas

Assinado por um arquiteto e urbanista fictício, Flávio Gagliardi Neto, o primeiro capítulo, intitulado “Moradias paulistanas” faz um levantamento fotográfico da “nítida e abrangente paisagem dos valores familiares das elites dominantes e classes emergentes” (p.29) de São Paulo, esses “microfeudos coletivos” (p.29), que é parte da tese de livre-docência *A imagética da dominação no espaço-cidade*, do Dr. Flávio.

Nas fotografias, é possível notar que “São Paulo é um caldeirão de culturas (GUARESCHI, 2003)” (p.30-31), onde podemos encontrar *maisons, villes, piazzas, parks*, referências a Paris, Firenze, pereber heranças medievais e valores modernos, enfim, uma miscelânea de fachadas para todo gosto.

Segundo o texto, as imagens apresentam as “complexas relações existentes entre o meio urbano e o “arcabouço moral” (BULLERAICH, 1967) da São Paulo de hoje” (p.29).



Ao longo do capítulo, alternadamente às fotografias das fachadas dos edifícios de classe média da cidade de São Paulo, o arquiteto revela que duas questões fundamentais se impõem ao urbanismo, ““Duas questões” (BEKMANSUROVA, 1993) “E nada mais” (KASEMSANT, 2007)” (p.60), mas, depois conclui que são “Duas questões que não serão abordadas neste artigo” (p.66).

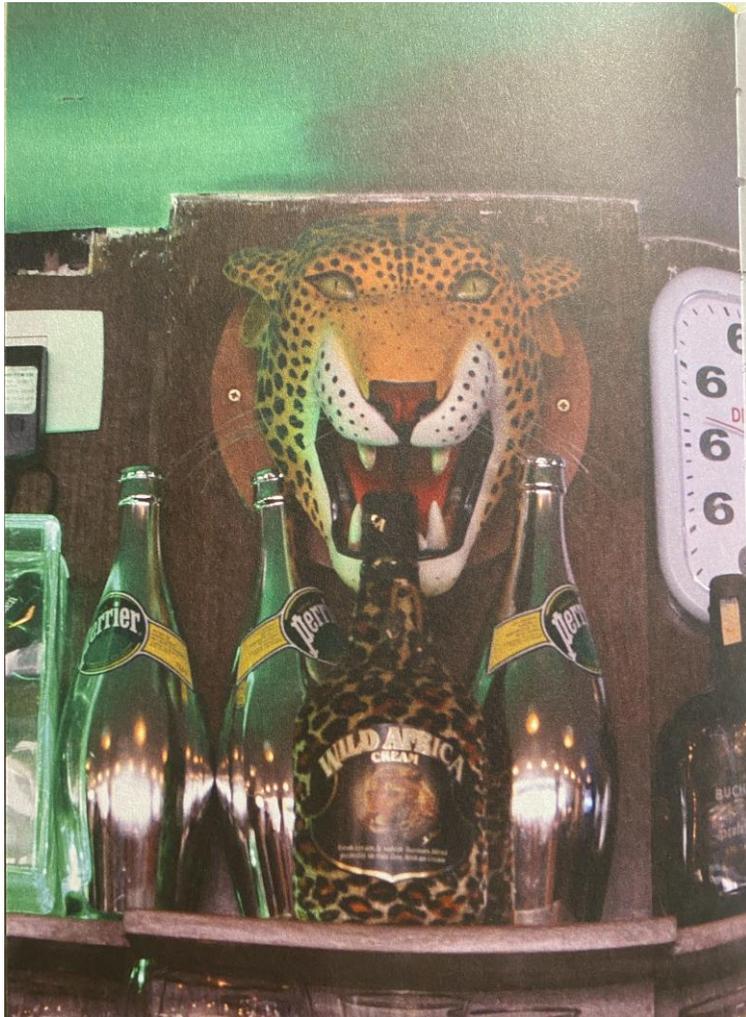
Neste momento, começa a ficar evidente o deboche do texto. Primeiro ao fazer citações esdrúxulas, seguindo o modelo acadêmico, numa clara crítica ao fato de que, para validar o que se é dito num texto universitário, as escritas precisam ser respaldadas em citações teóricas.

Além disso, ao afirmar que não irá revelar quais são as duas questões fundamentais impostas ao urbanismo, visto que ele tem que ser prudente e pensar na publicação da tese de livre-docência, não divulgando parte da tese em um livro de “relevância questionável como esta *Iconografia Paulistana*” (p.67), o texto mais uma vez lança mão do sarcasmo.

Ao final do texto, as críticas se intensificam. As citações tornam-se cada vez mais chulas e saem do âmbito do texto acadêmico para o espaço doméstico vulgar: ““Porra, Flavinho!” (RUTH, 2012). A não ser que cortemos o intercâmbio da Gaia no semestre que vem. “Nem fudendo, pai! Nem fudendo! (GAIA, 2012).”” (p.69).

O texto, que até então mantinha o padrão formal, ganha contornos coloquiais, com uma ácida crítica à família de classe média que faz de tudo para ascender socialmente: a filha estuda em colégio particular, almeja o intercâmbio e quer fazer frente aos colegas da escola, ainda que os pais não possam sustentar seus anseios; a esposa comprou uma máquina Nespresso, cobra um padrão de vida similar ao da irmã Lúcia, que viaja para a Europa em classe executiva, e insiste para que o marido troque seu carro por um modelo SUV de câmbio automático; e Flávio, que se corrompe, ao aceitar prestar um trabalho de consultoria para a Prefeitura de Ourinhos, que “não parece dos mais éticos”, pois “consiste em ajudá-los a abrir uma brecha no Plano Diretor municipal para a desapropriação de algumas famílias do local onde o primeiro shopping center da cidade será implantado” (p.68-69).

2. Biodiversidade: Onde encontrar, em São Paulo, o animal símbolo de São Paulo



A fictícia antropóloga, coordenadora de uma ONG e professora voluntária em comunidades carentes, Joana Bousgouet, dedica este capítulo à encontrar e fotografar a Suçuarana, eleita popularmente, por meio de votação online, o animal símbolo da biodiversidade de São Paulo, numa ação da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, em novembro de 2010 – fato verídico.

Mais uma vez, nos deparamos com um texto carregado de ironia (como acontecerá ao longo de toda a obra).

O capítulo utiliza do tema “biodiversidade” para discutir a hipocrisia, a imposição de regras e o falso moralismo. A imagem da Suçuarana representa algo que há muito tempo não ocupa mais este lugar, como a imposição de uma moralidade falaciosa. Joana Bousgouet dirige-se diretamente ao leitor para recriminar o fato de que os moradores da capital paulista sequer sabem que a Suçuarana foi eleita como representante da biodiversidade paulistana.



A ilustração que aparece no capítulo foi oficialmente divulgada pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente de São Paulo, em 2010. Observa-se a onça-parda em destaque e a cidade ao fundo, como se, de fato, o animal fosse um representante presente na natureza local.

O que se nota, porém, é que nem ela sabia deste fato, porém, como tudo o que ela critica, ela exime-se de culpa, com ela, tudo sempre **“é diferente”**. “A suçuarana é o animal silvestre símbolo de São Paulo. Ouviu? Animal silvestre símbolo de São Paulo. Confesso que eu também só fiquei sabendo há duas semanas. Mas a situação **é diferente.**” (p.80); “Vai trabalhar de bicicleta? [...] E só não vou todos os dias porque pego a Marginal para chegar no trampo, não por ser egoísta como você. **É diferente. Bem diferente.**” (p.80) “Como, então, se conformar com o fato de, em pleno século vinte e um, ainda existem pessoas comendo carne? Eu também como, mas só às vezes. E **é diferente.**” (p.82)

Ainda com tom autoritário, mantém o moralismo hipócrita ao defender a natureza: “A suçuarana foi escolhida como animal símbolo de São Paulo e VOCÊ NÃO FEZ NADA. Ah, já sei: vai tentar se defender argumentando que nunca viu uma suçuarana em São Paulo. Atitude típica de seu sedentarismo mental. Tí-pi-ca. Espera as coisas caírem no colo, prontinhas. POR QUE NÃO CORRE ATRÁS? VAI REPETIR A DESCULPA ESFARRAPADA DE SEMPRE? "Muito ocupado?" BANANA! EU ME MEXO. ME-ME-XO! CORRO ATRÁS! O PLANETA ATRAVESSA UMA DAS PIORES CRISES AMBIENTAIS DE SUA HISTÓRIA, SOB O RISCO DE ENTRAR EM COLAPSO COM O ESGOTAMENTO E A DEGRADAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS E **VOCÊ NÃO FAZ NADA! NADA! EU LUTO PELO FUTURO DO PLANETA! SE A SUÇUARANA NÃO TOCA MINHA CAMPAINHA, FILHÃO, EU CORRO ATRÁS! PRA DEFENDER A BIODIVERSIDADE! DÁ UMA FOLHEADA NAS PÁGINAS A SEGUIR E CONFERE, QUERIDO! CONFERE SE NÃO TEM SUÇUARANA EM SÃO PAULO! AH! NÃO DEU PRA ENCONTRAR O ANIMAL DE VERDADE? NÃO É MOTIVO PARA DESISTIR! COMO TAMBÉM NÃO PRECISA SER, EXATAMENTE, A ONÇA-PARDA. ONÇA É ONÇA, PORRA! SÓ NÃO PODE É FICAR PARADO, SENTADÃO, FEITO VOCÊ! PA-RA-SI-TA!**” (p.84, grifos do autor)

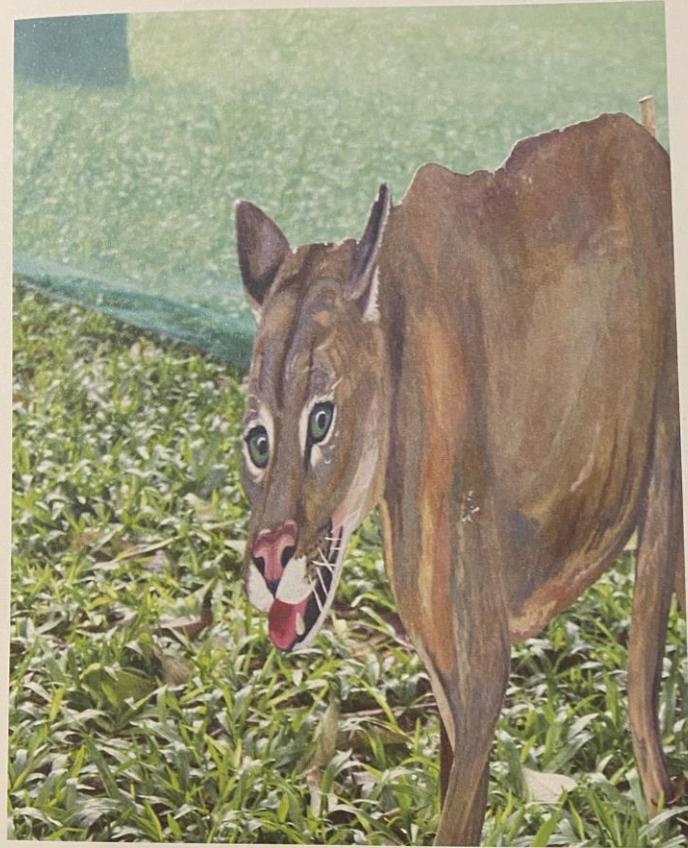
Por fim, além de terceirizar o trabalho que deveria ser dela, a antropóloga insulta o estagiário e dá uma solução burlesca ao fato de não terem encontrado o animal símbolo de São Paulo na cidade: “Só não vou conseguir esfregar na sua cara um monte de suçuaranas circulando por São Paulo porque o idiota do Luigi foi o responsável pela coleta do material a seguir, já que eu estive muito ocupada semana passada. (Só não confunda o meu "não tive tempo" com o seu. São, com absoluta certeza, completamente diferentes. Além do que, estamos questionando a sua postura individualista. O que eu faço ou deixo de fazer não está em discussão. Parasita.) Aliás, Luigi, meu querido: puta que pariu, hein? Puta que pariu! Você ficou a semana inteira correndo atrás disso para conseguir dois exemplos? Dois? Só? Ficou dando volta aqui no quarteirão? Vai ser molenga assim na casa do caralho, meu filho! Na casa do caralho! Dois é foda... Dá um jeito de repetir a mesma foto, pelo menos. Sei lá, muda o enquadramento. Aí ficam parecendo quatro. Ainda uma quantidade de merda, mas melhor do que duas. (Juro que, quando virar coordenadora, uma de minhas primeiras ações será pedir um estagiário menos devagar do que esse gordinho caipira e afetado.)” (p.85)

Vale observar que, além de tentar “multiplicar” o número de onças recortando as fotografias, estas não mostram suçuaranas de verdade, mas um animal empalhado e uma ilustração.

Suçarana em São Paulo — exemplo 1.



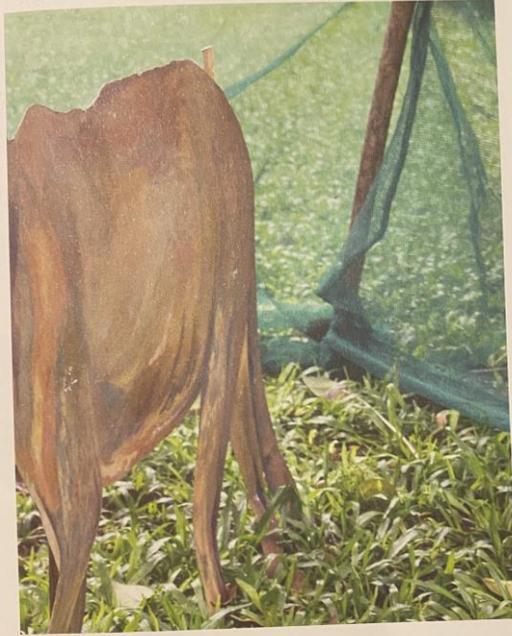
Suçarana em São Paulo — exemplo 2.



Suçarana em São Paulo — exemplo 3.



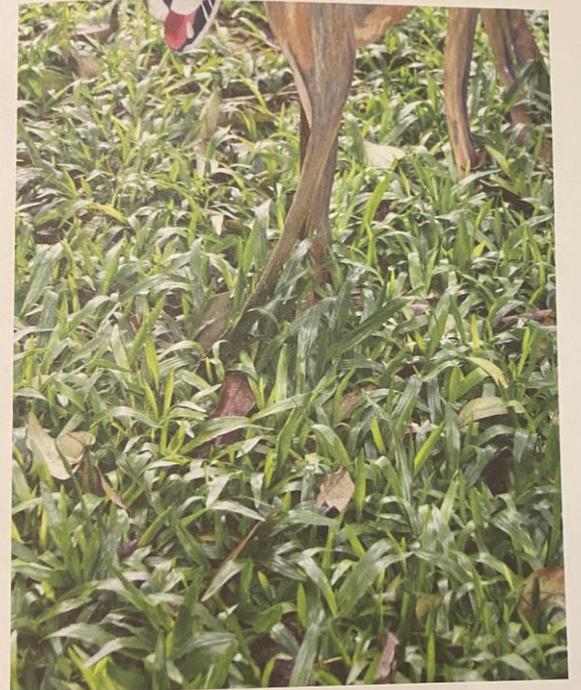
Suçarana em São Paulo — exemplo 4.



(Tente mais um enquadramento, agora pegando a parte de baixo das fotos. Aí ficamos com seis exemplos e calamos a boca do parasita. Vai, Luigi! Vai, se mexe, querido!!)
Suçarana em São Paulo — exemplo 5.



Suçarana em São Paulo — exemplo 6.



3. Arte: O conteúdo explosivo da arte urbana paulistana

O capítulo é o único assinado por uma empresa de consultoria de branding, que cria e reposiciona marcas existentes, a *Avant Brand*, o que pode direcionar a leitura, na expectativa de depararmos-nos com um documento. Nesta parte, a crítica incide no processo de construção por trás do discurso publicitário. O narrador do capítulo tenta criar ligações entre a arte urbana, que ele mesmo não compreende, e uma propaganda de lasanha:

“... É fundamental desvinculá-la do universo restrito e tradicional das lasanhas. (*Serginho, manteve este item conforme seu pedido. Mas Lazz é lasanha, não? A gente está propondo que uma lasanha finja não ser uma lasanha?*)” (p.100, parênteses e grifos do autor)



Segundo o texto o que diferencia a publicidade da arte urbana é a mensagem.

“A diferença está no CONTEÚDO. De um lado, “Planos de saúde individual empresarial”. Do outro, “Mais amor por favor”. O que diferencia a arte urbana é, portanto, SUA MENSAGEM! O segredo está na mensagem. Enquanto mídias tradicionais comunicam produtos, a arte urbana comunica ideias, manifestos. Poesia, opiniões. Gritos de guerra ou afirmações da existência individual. *(Serginho, sem querer puxar o saco, mas puta insight, cara! Puta insight! É a mensagem mesmo. À medida que fui clusterizando as imagens, também percebi. Puta insight!)*” (p.103, parênteses e grifos do autor).

A inserção dos comentários do funcionário para o chefe torna o documento menos formal e permite ao leitor compreender o processo e o sarcasmo do autor na abordagem do processo de “branding”.

A partir da ideia de que “O reposicionamento de Lazz deve ter como objetivo fornecer a seu consumidor não uma simples lasanha snack, mas uma experiência total da marca.”(p.98) e chegando a conclusão de que o território que melhor se adequa à marca de lasanha é “Lazz Arte Urbana” (p.100), a Avant Brand recorre à arte das ruas de São Paulo para construir o novo planejamento de marketing da empresa Lazz:

“NEXT STEPS:

Ouviremos agora a opinião de cada um dos presentes sobre quais eixos são mais adequados à nova brand proposition de Lazz. A partir dos resultados, agendaremos uma brainstorming session, data to be confirmed. Como pontapé inicial, listamos abaixo as sugestões Avant Brand:

- 1. Lazz Mais Amor Por Favor.** Variante bolonhesa.
- 2. Lazz Me Coma.** Explorando o duplo sentido da frase – sexo e o próprio appetite appeal do produto -, variante linguiça picante.
- 3. Lazz Pra Fome de Urso Coxa de Frango é Pouco.** Variante frango com catupiry.

Além disso, há a oportunidade para uma edição limitada **Lazz Seja Vegetariano**. Variante sazonal, com possibilidade de utilizarmos Bruno Punk na campanha de ativação. (*Pô, Serginho, desculpe não saber quem era o Bruno Punk, ok? Foi mau.*)

AVANT!” (p.132, parênteses e grifos do autor)



Lazz Me Coma



Lazz Pra Fome de Urso Coxa de Frango é Pouco



Lazz Mais Amor Por Favor



Lazz Seja Vegetariano

4. Infância: Temp(l)os de alegria!

Ficcionalmente elaborado por Betoven S. Araújo, ator e dramaturgo processado por zoofilia, ao estabelecer relações amorosas com uma cabra em cena, este capítulo retrata “os buffets infantis da Pauliceia (Desvairada? Destravada? Deslavada!) [com intenção de] levantar seu repertório visual” (p.140). A nosso ver, trata-se de uma crítica de Piqueira à ideia de que tudo é cultura: “Se está vivo, é cultura” (p.140), e que à ela tudo deveria ser permitido (até mesmo manter relações sexuais com uma cabra em uma peça infantil).

Betoven irá, portanto, analisar a estética (de gosto duvidoso) dos buffets da cidade, sob a ótica de que seriam representantes da cultura local.



Sem moralismo, mas a montanha-russa ser o pinto do palhaço é meio agressivo. Bacana tentar derrubar tabus de sexualidade, só não precisava ser tão explícito.

Estética oitentista misturada a uma brasilidade patriótica. Restringe. Coisa de milico.



Kroko Kids.

Crocodilo cadeirante arrasou. Inclusão já!



Olhar cansado, sorriso amarelo. É a real: ninguém aguenta.



Ao final do capítulo, a crítica é retomada, mas, desta vez (e mais uma vez, se analisarmos o contexto da *Iconografia*), retoma-se a crítica social. O ator não está, de fato, preocupado com a cultura. Está preocupado em quanto vai lucrar (questão que ele atribui ao empresariado), em como vai “se dar bem”. A sua nova peça, inspirada nos buffets e intitulada “*Chanel no Sítio do Pica-pau Amarelo*”, não tem patrocínio. Ele próprio roubou um cheque do seu grupo de teatro, o Trukelelé, e a namorada do amigo, evidenciando mais uma vez a hipocrisia social:

“Volta e meia você pinta com esse papo de que estou levando um por fora, desviando da caixinha do grupo, quer fazer auditoria, Vadu? O que é isso? Por acaso a gente é advogado? Político? Artista! De uma vez por todas: não embolsei a bilheteria daquele festival em Campinas, nem usei a grana pra ir ao Rio duas semanas depois. Juro que não sei o que aconteceu com o cheque do dono do teatro. Ele garante que entregou na minha mão? Mentiu. Você vai confiar em quem? Nele? Ou neste velho camarada?” (p.173)

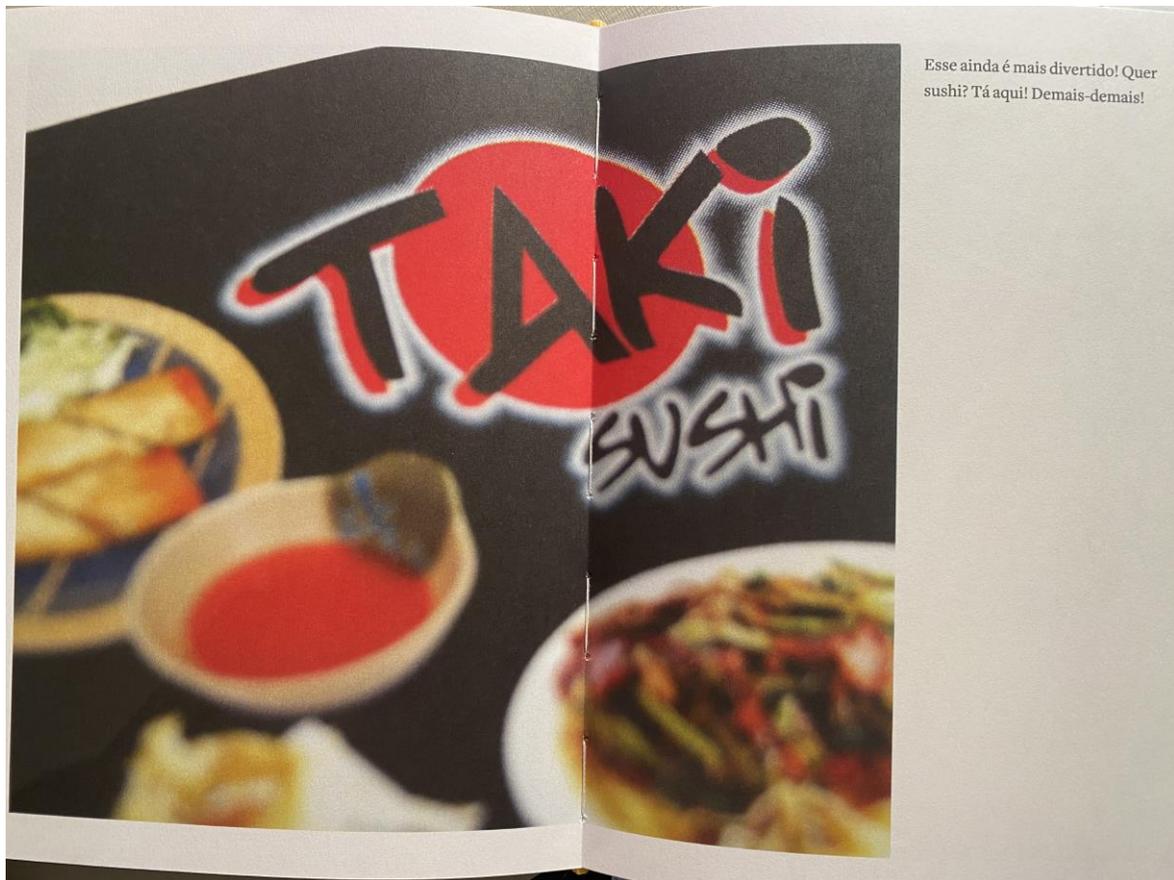
“Também é hora de colocar um ponto final na novela daquela menina, falou? Sei que era sua namorada, mas as pessoas não têm dono, Vadú. Não é traição. Desprende, cara.” (p.174)

5. Gastronomia: A metrópole que abraçou a culinária japonesa

A quinta parte da *Iconografia paulistana* dedica-se à gastronomia. A “trend hunter” Má Ferrari observa as novas tendências gastronômicas da cidade de São Paulo. A capital, que já foi conhecida por ter os melhores pastéis e as melhores pizzas, apesar de ser um polo cultural e gastronômico no Brasil, hoje, destaca-se no ramo da culinária japonesa. Mas, nem a gastronomia nipônica, nem os nomes dos restaurantes, são cópia do país de origem: “o mais legal meesmo, é que os restaurantes japoneses daqui têm a nossa cara. É! Japonês com a cara de SP! Quer ver?” (p.180).

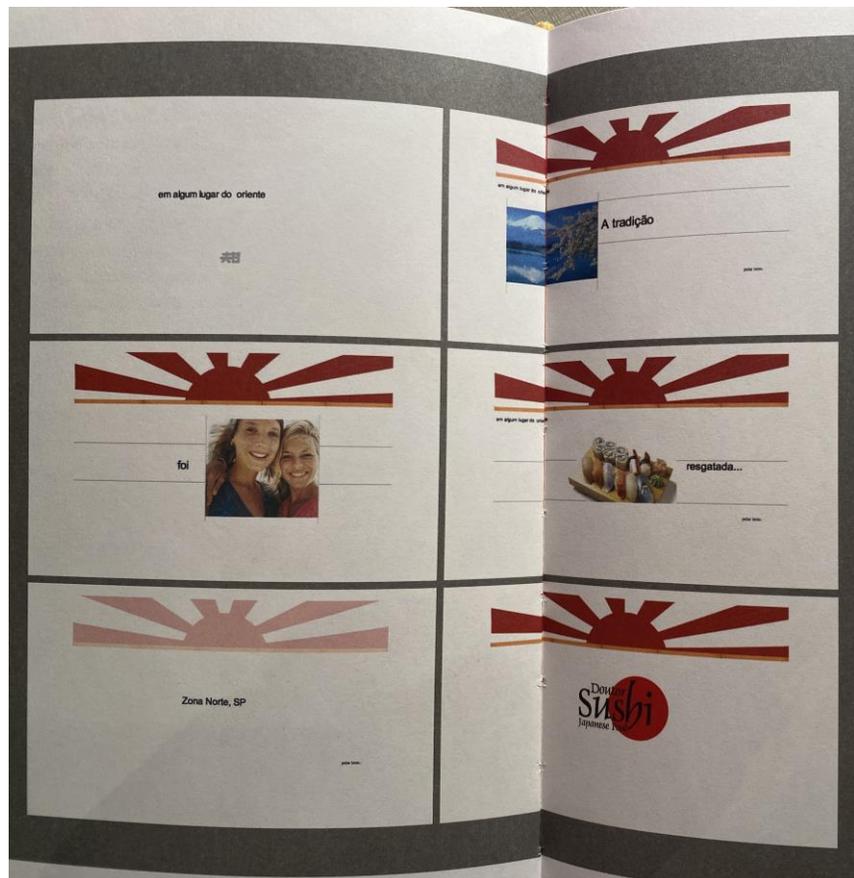
E, numa sequência de imagens de fachadas, cartões, logotipos de restaurantes da cidade, relacionadas a breves comentários com tom jocoso, ela ironiza o fato de que a maioria troca a letra ‘q’ pelo ‘k’ (Aushi aki, Taki Sushi), ou ainda acrescentam o “Na/no” (Nakasa, Nakombi, Nafuka, Nokyoski). Outros fazem trocadilhos (Tem Temaki, Kotobiyia – que fica na Rua Cotovia) ou referências populares (Restaurante Senhor Miyagi, como personagem do Karatê Kid). Em análises um pouco mais extensas, a trend hunter zomba de publicidades esdrúxulas que associam a tradição japonesa à Zona Norte da cidade ou a ideia de fazer fondue de sushi!

Até o momento em que ela cansa deste assunto e, mais uma vez, nos deparamos com a crítica social de Piqueira. Má Ferrari cansa de falar de gastronomia japonesa e começa a falar da bolsa que comprou numa quarta-feira qualquer. Ela mostra-se preconceituosa, fútil e repete clichês típicos da classe média emergente paulistana; “depois que a classe C começou a viajar para fora do país, não dá mais. (...) A gente vai para o aeroporto e parece que está numa rodoviária!” (p.218)

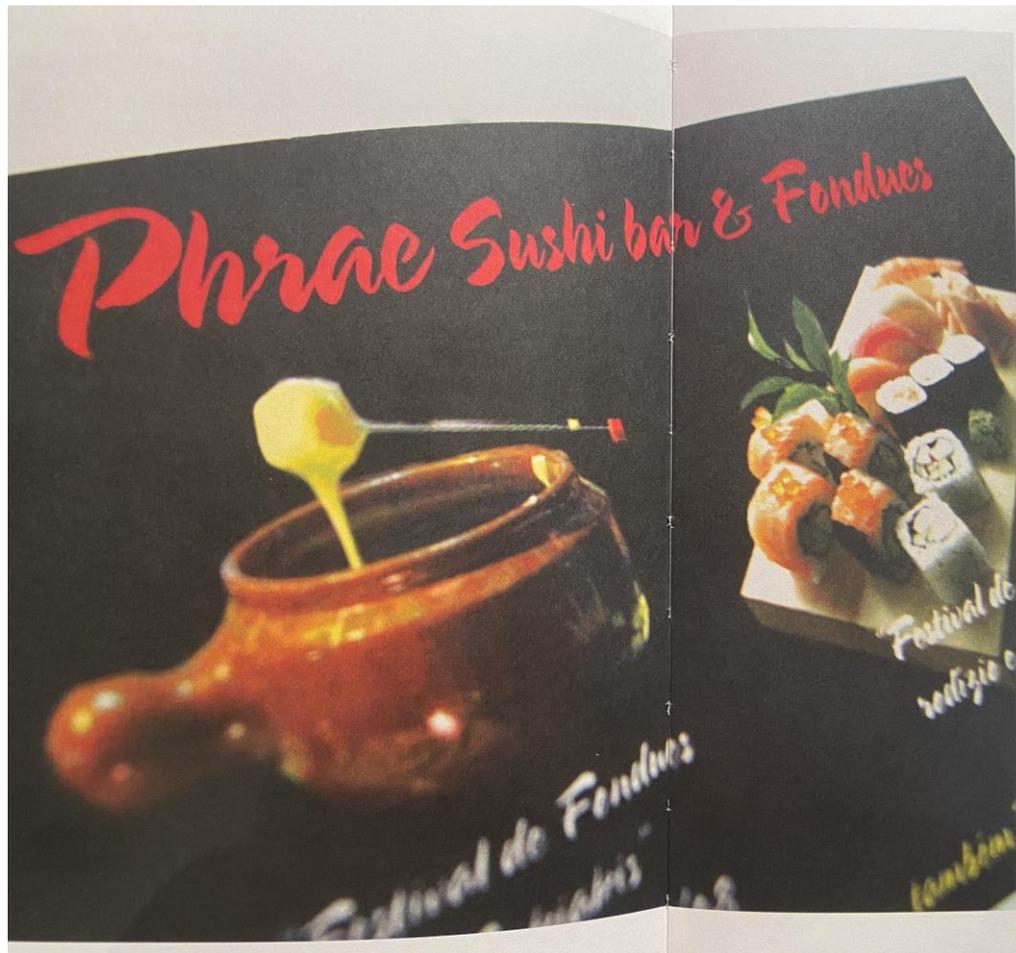




Do filme, gente! Do filme! *Karatê Kid!* Eu adorava esse filme quando era menina! Assisti a todos! *Karatê Kid 1, Karatê Kid 2, Karatê Kid 3, Karatê Kid 4, Karatê Kid 5...* Todos! Quantos eram mesmo? Chegou até o 5? Daniel San, gatíssimo! Sr. Miyagi era o velhinho de cavanhaque, lembra? Ensinava todos os golpes, a filosofia oriental... E no site do restaurante toca a música! A música do filme! Que revival! *I am a man... Who will fight... For your love...* (Era "*for your love*"? Ou "*for your honor*"? Não me lembro direito.)



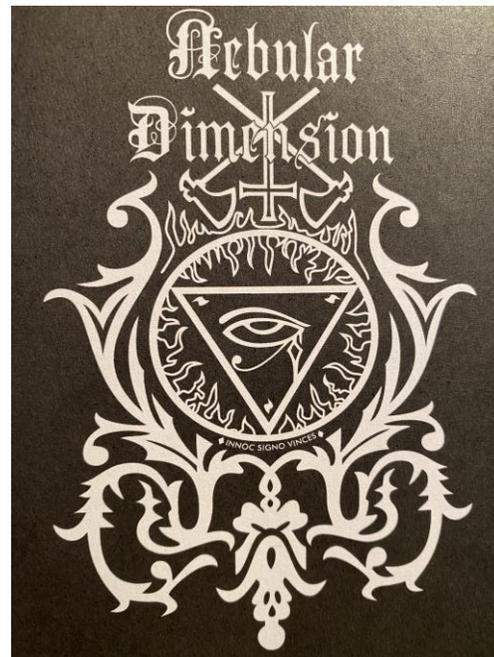
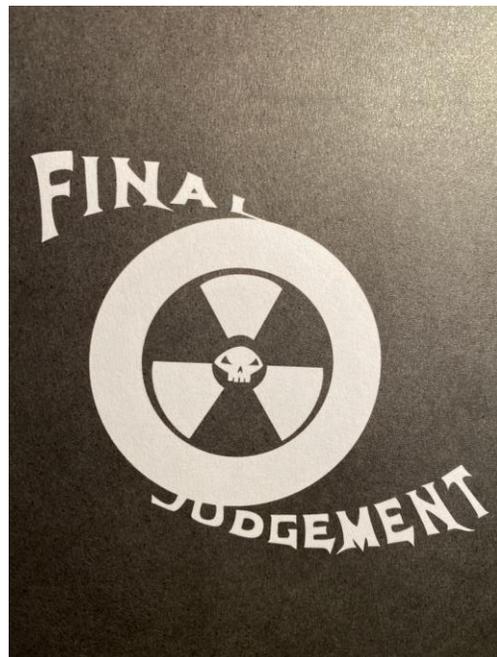
Vocês sabiam? Que foi na Zona Norte que isso aconteceu? O resgate da tradição do Oriente? Eu não sabia! Não frequento muito aqueles lados. Mas adoro! Adoro-adoro! Viva a ZN! Santana, né? Santana é Zona Norte? E a Barra Funda? Também? Não? Ah... São muitos bairros, né? Não dá pra decorar todos... Mas, enfim, SP é isso aí, gente: coisas bacanas em todo lugar. É só ir atrás.



Outra combinação que só a criatividade paulistana poderia inventar: sushi e fondue! (Pensei em fazer uma brincadeira tipo “não vá se confundir e colocar o sushi no réchaud”, mas melhor não, né? Iria ficar meio parecida com a da sinuca, na página anterior. E se tem uma coisa que eu detesto é gente repetitiva!)



6. Cultura underground: Fronteiras gráficas: uma análise do processo de criação e tendências através de detalhado estudo sobre os logotipos das bandas paulistanas de heavy metal



A sexta parte da *Iconografia Paulistana* é apresentada pela personagem Tânia Maria Thiemy, bacharel em Artes Plásticas pela FAAP/SP e mestranda em poéticas visuais pela ECA/USP.

Após uma sequência de imagens, composta por uma “ridícula mistura de medonhos alfabetos distorcidos, símbolos satânicos e inglês mequetrefe” (p.264), com logotipos das bandas de heavy metal de São Paulo, que Tânia afirma ser uma grande bobagem, mas que ela deveria analisar a pedido do orientador do mestrado, nos deparamos com a reflexão da estudante. Mais uma vez, por meio do texto ficcional, Gustavo Piqueira retrata a frivolidade da “high society” paulistana, acomodada, dependente, irresponsável.

A mestranda tem 32 anos, depende economicamente dos pais, é preguiçosa, mimada e fútil.

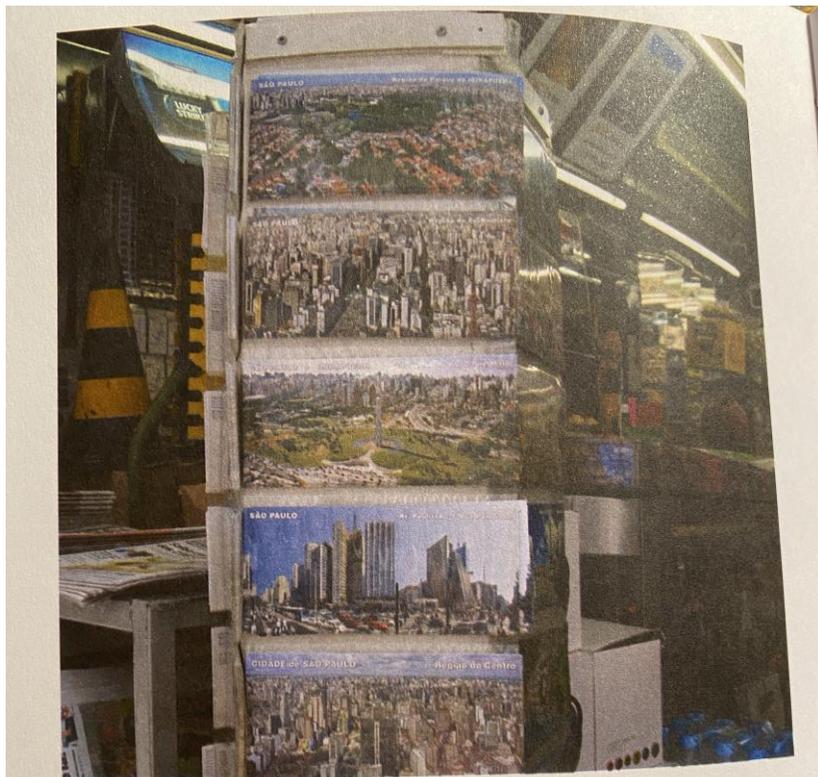
“Por que não posso fazer o que gosto, do meu jeito?”(p.264); “... Meus pais são diferentes e percebem o quanto é importante seguir investindo na minha formação. Querem ver a filha feliz. A grande questão é: por que o resto do mundo não quer também?”(p.267)

7. Avenida Paulista:

Avenida Paulista, o cartão postal da cidade

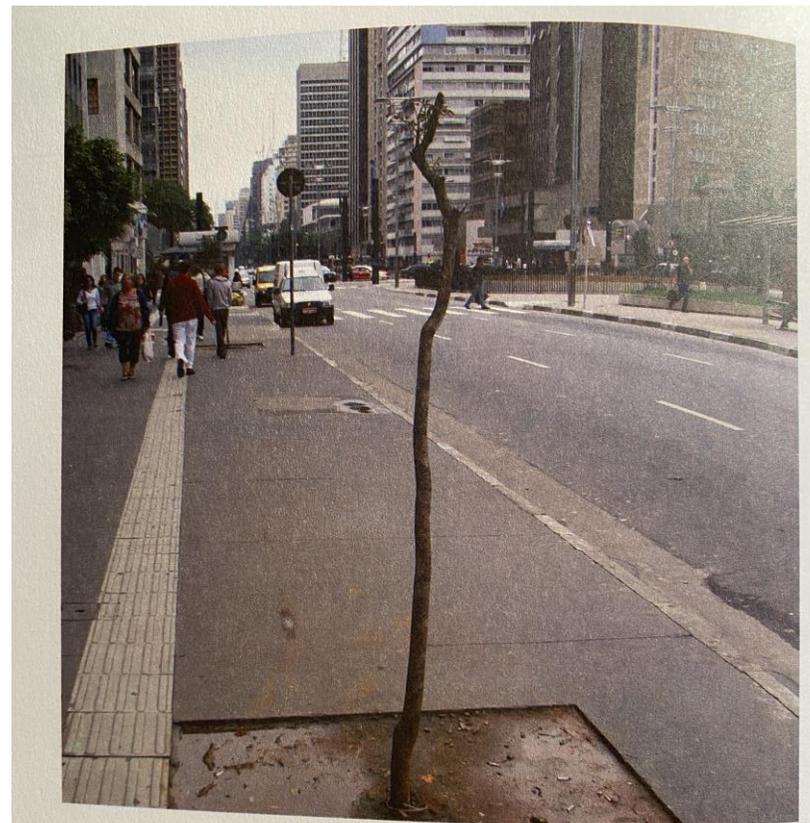
No último capítulo do livro de Gustavo Piqueira, quem irá analisar a avenida mais famosa da cidade é Fefferson de Sousa, um aluno do quinto ano do Ensino Fundamental. O estudante começa abordando o conceito de verdade em oposição ao conceito de mentira e afirmando ser verdade que a Avenida Paulista é o cartão-postal de São Paulo. Como seu amigo Wesley disse que era mentira, afinal “se a avenida era tão importante assim, porque nem eu, nem ele, nem os pais dele jamais havíamos ido até lá?” (p.274), Fefferson resolveu “vir até aqui e provar que a avenida Paulista é, sim, o cartão-postal de São Paulo” (p.275).

São Paulo – cidade feia



Estes são cartões-postais de São Paulo. É possível perceber que todos são tirados da janela de um avião ou helicóptero. Isso acontece porque São Paulo é uma cidade muito grande e só dá pra vê-la do céu, não porque a cidade é feia e não tem um único lugar bonito o suficiente para ser fotografado mais de perto.

A natureza na Avenida Paulista



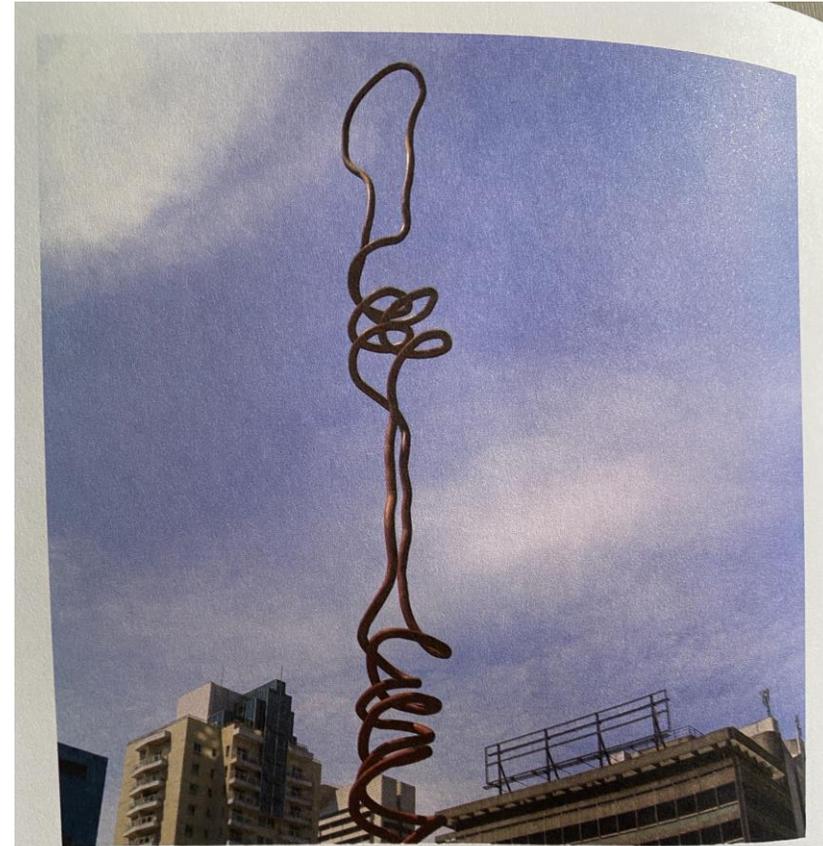
Existem diferentes tipos de árvore na avenida Paulista. Esta é uma delas, da espécie das árvores naturais. Árvores naturais são aquelas que nascem da natureza. Não é a maior árvore natural que já vi. Mas prova que a avenida Paulista tem de tudo, inclusive árvores.

A violência no Brasil



A violência é um grande problema do mundo brasileiro. Na avenida Paulista, até a polícia se protege dos bandidos, instalando seu quiosque atrás das grades de segurança de um prédio. Assim, se ladrões quiserem assaltar a polícia, encontrarão dificuldades. Essas dificuldades farão com que demorem mais, dando tempo para a polícia chegar e prendê-los antes que roubem o quiosque da polícia.

A arte inacessível



Obras de arte existem para embelezar a cidade. Por isso existem tantas na avenida Paulista. Esta escultura é abstrata. Quando se diz que uma obra de arte é abstrata, significa que não entenderemos o que ela representa, mas que não devemos nos preocupar porque não é para entendermos mesmo.

As falsas promoções

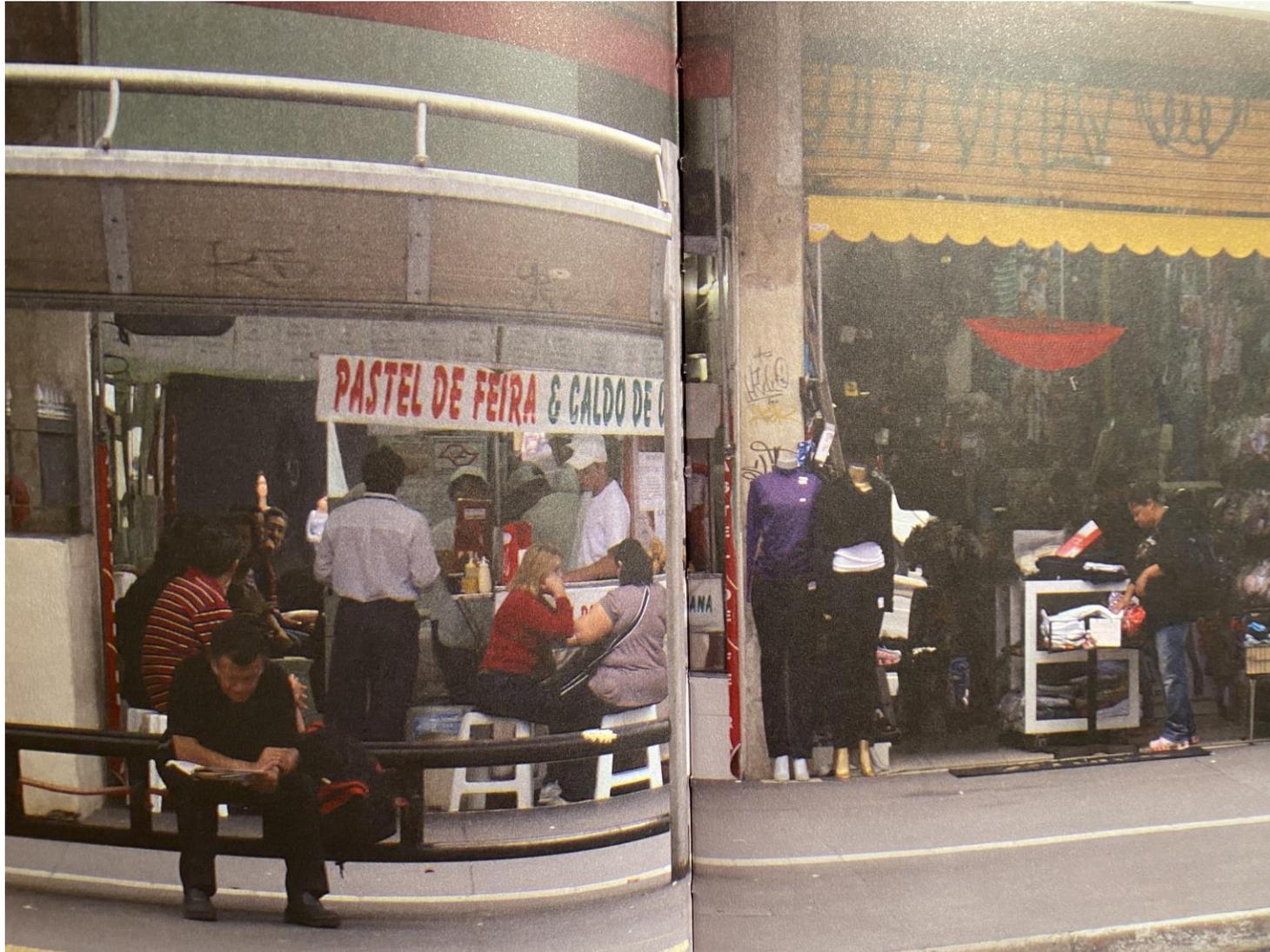


Achei esta promoção meio estranha. Primeiro, porque quinze reais por um chinelo de borracha não é barato. Segundo, porque o chinelo é da Portuguesa. Os comerciantes fazem isso às vezes para tentar enganar o consumidor. Falam que um produto está em promoção quando, na verdade, não está. Ninguém tem culpa se o dono da loja achou que alguém iria comprar um chinelo da Portuguesa. Era melhor ele assumir o erro e retirar a mercadoria do que tentar enganar os outros dizendo que estão em promoção para desencilhar o estoque.

A grande ostentação



Ou, top do top, um Volvo XC60. Amortecedores telescópicos hidráulicos com molas helicoidais, sistema de proteção contra o efeito chicote, sistema de frenagem automática na iminência de colisão em baixas velocidades, sensores de obstáculos dianteiros e traseiros, faróis Bi-xenon, torque máximo de 43,4 kgfm entre 1.500 rpm e 4.800 rpm e motor 3.0 AWD.

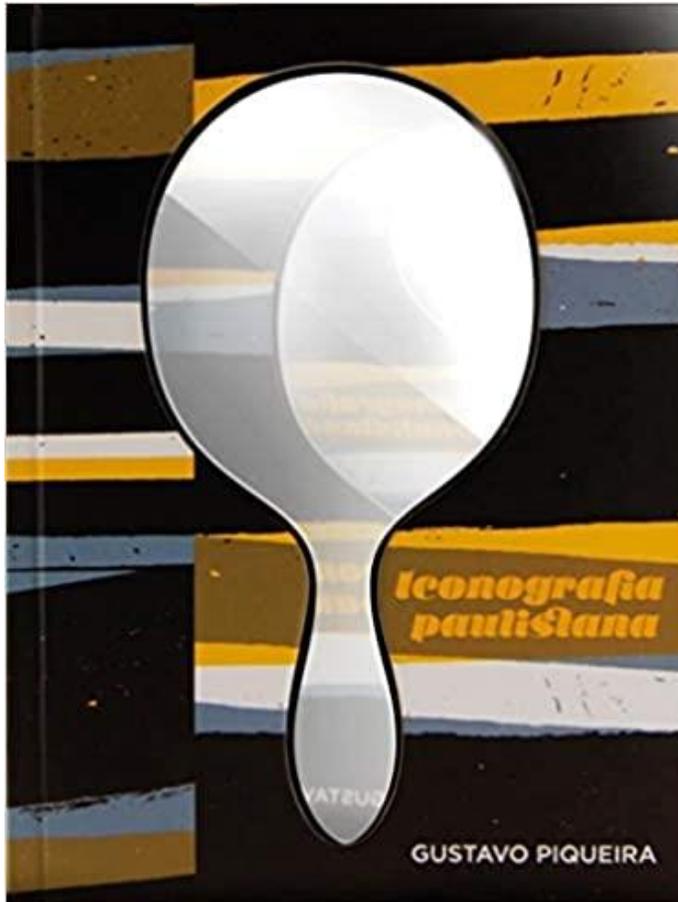


A verdadeira Avenida Paulista – poderia ser qualquer lugar para um paulistano como Fefferson, que não faz parte da classe emergente. É apenas um lugar comum (imagem sangra na página, o que sugere que toda a avenida é assim).

A experiência com o real

Refletindo sobre a crítica social na obra de Piqueira, no contexto da literatura brasileira contemporânea, recorreremos a Shollhammer (2009), que propõe pensar “o realismo de novo” – uma tentativa de apreensão da heterogeneidade que caracteriza a prosa contemporânea. Diferentemente de Magris e longe de tomar uma postura apocalíptica ante a permeabilidade da literatura à relação expressiva que a cultura de massa estabelece com a realidade, Shollhammer denota a construção de um *efeito de real* – algo diferente da representação da realidade –, que articula a experiência estética àquilo que envolve o sujeito de maneira direta à dimensão ética da arte, no sentido de circunscrever as subjetividades encarnadas nessa experiência. Assim, o autor denomina “estética do afeto” – em oposição à “estética do efeito” – algo que é primordial nas narrativas que conciliam duas vertentes: de um lado, a vertente modernista e experimental; de outro, a vertente realista e engajada (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 55). Dessa maneira, a postura realista estaria no cerne da experiência estética, como método de configuração da dimensão performática da linguagem – que se reconhece e se manifesta como meio de representação, distante da ilusão referencial. Sem se mostrar como linguagem que se manifesta “como se” fosse o real, a prosa de ficção contemporânea cria uma experiência com o real.

Breve consideração final



Ao escrever um livro retratando fielmente (?) a cidade de São Paulo, tanto em imagens, como em textos ficcionais, Gustavo Piqueira constrói uma bela crítica à cidade de São Paulo e ao que ela tem de mais característico: seus moradores. Refletidos no espelho que tem na capa, é notório qual é, de fato, a imagem que representa a capital paulista. Será que o leitor consegue mergulhar numa crítica tão mordaz e “sair ileso”? A *Iconografia* de Piqueira, mais do que retratar a cidade, estampa em suas páginas uma análise profunda de cada um de nós.

Assim, arte e vida, ficção e realidade, verdade e mentira, apresentam-se não em oposição, mas entrecruzando-se e rompendo barreiras.

Este trabalho é uma análise da obra ficcional *Iconografia Paulistana**, de Gustavo Piqueira, realizado pelo Grupo Prosa de Ficção, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP, com base no DOSSIÊ produzido pelo mesmo grupo – A prosa de ficção na contemporaneidade: novas configurações.

Toda REFERÊNCIA consultada e citada, encontra-se no DOSSIÊ supracitado.

*PIQUEIRA, Gustavo. **Iconografia Paulistana**. São Paulo: Lote 42, 2012.